

Elza Lima, a emergência do projeto

O compromisso da fotografia de Elza Lima é com o registro.

Assumida essa preliminar, dissipa-se toda tensão da linguagem. Elza Lima reconcilia-se com a tradição dominante da fotografia e, a partir deste ponto, constitui o caráter de seu discurso.

É no quadro de suas grandes reportagens e temas – as festas populares, o artesanato, os índios, as crianças e os velhos – que Elza Lima insere sua poética. É aí que Elza Lima vai definindo uma outra potencialidade das suas fotografias para o desenvolvimento da dimensão de linguagem, como se pode extrair de um núcleo de imagens. O flagrante, o documento e o "momento decisivo" deixam entrever a elaboração simbólica a partir do vocabulário fotográfico.

A trajetória de Elza Lima deve ser vista entre dois marcos temporais do desenvolvimento da expressão amazônica e da fotografia contemporânea em Belém.

A partir do início da década de 1980 desenvolveu-se um projeto de uma "visualidade amazônica", com a convergência de posturas antropológicas no conhecimento de um saber visual popular. O levantamento do vernáculo e sua absorção no discurso envolvem o projeto elaborado de uma geração precedente em Belém com a fotografia de Luiz Braga e pintura de Emmanuel Nassar. No paralelo de Manaus, já tínhamos a obra arquitetônica de Severiano Mário Porto e a vídeo- arte de Roberto Evangelista.

Resgata-se um universo de referências visuais e simbólicos: os coloridos brinquedos tradicionais do Círio e as cores dos barcos de pesca, soluções arquitetônicas de conforto e tratamento de materiais do morar nativo, um sistema de signos de um consumo periférico, festas e cerimônias, a mitologia nativa. A tudo isso se aliavam certos fenômenos naturais, como a luz amazônica, a umidade, a vastidão do espaço. Um olhar amazônico se constitui no bojo do processo de dar visibilidade ao universo de valores plásticos caboclos. Algumas fotos de Elza Lima parecem querer simbolizar o próprio processo, ao reverter ingênuos murais populares, com suas paisagens e retratos, em ambíguos cenários e personagens do real, em tempos que se interpenetram.

Na década de 80, Miguel Chikaoka inicia sua ação de fotógrafo. Além do exercício da linguagem pessoal, Chikaoka estabeleceu um lugar novo para a

fotografia em Belém. A inserção social da fotografia encontra uma nova dinâmica em inventivos modos de exibição, processos coletivos de discussão da imagem e linguagem e no espaço de formação. A fotografia marcará a vida cultural de Belém como um incomparável discurso dinâmico: a circulação do símbolo e do signo perfaz uma nova situação de sociabilidade da fotografia, ímpar no Brasil. É nessa Fotoativa de Belém que se forma a fotografia de Elza Lima.

Aquele olhar amazônico sobre si mesmo reduz o espetacular cenário humano de Serra Pelada num óbvio clichê para a fotografia forasteira. É uma imagem readymade, impacto garantido à passagem rápida. Ao contrário, o fotógrafo amazônico vem trabalhando a captação cuidadosa do pathos, numa arquitetura de sutilezas. Isso não se despreza daquela invenção do espaço social da fotografia na região.

Elza Lima. Contribui para a consolidação do olhar amazônico, que é simultaneamente reflexão e amorosidade. O signo fotográfico é orientado para um processo específico de significação. A apreensão da realidade reinventa, via o potencial da fotografia, a própria visuabilidade do real. O caráter político desse processo está na individualização do caboclo como sujeito.

Se Elza Lima tem um vasto portfolio documental das tradições culturais do Pará, importa agora ver como desse conjunto emergem testemunhos da opacidade. A linguagem fotográfica traduz visualmente a desvalia: um rosto velado por uma rede de pescar, uma distância, uma máscara da morte, um anjo inocente e maroto, ou um corpo desmaterializado em velocidade, tudo conota a diferença sob a aparição.

Um menino nu, um cachorro e água. Uma mulher, uma menina, dois homens e água. Nos últimos anos, Elza Lima vem anunciando um projeto de construção do espaço vazio. O igarapé é o fragmento espacial e o índice da imensidão do rio. Há um silêncio da água plácida que, sendo também próprio da linguagem da fotografia, mais que símbolo da morte, é uma dimensão fenomênica da fotografia, como também nas imagens de Braga, Cardoso e outros. O tempo fotográfico, fixando o movimento dos seres vivos se infiltra no jogo de três olhares da máscara/papagaio/ câmera, um triângulo de simulacros.

A Amazônia vive grandes conflitos culturais. Num conjunto de imagens, Elza Lima tem simbolizado a tradição na velhice dos homens e mulheres em espaços com aparelhos de televisão ou rádio. Nessas fotografias o ângulo da câmera lança o espaço perspectico e produz o alongamento da distância entre os velhos e tais objetos. O resultado dramatiza e expõe conflitos

culturais. A perspectiva demarca um distanciamento entre o tempo existencial e tempo tecnológico. A câmera revela-se, então, como o elo, invisível e crítico, capaz de entrelaçar os tempos dessa diacronia. É o espaço construído pela fotografia que expõe o choque e a absorção da diferença.

Paulo Herkenhoff